

# Maria Fumaça

Crônica de JSantana





A primavera é uma estação mágica. Findo gélido inverno, tempo de estalactites e frígidas plantações cobertas por uma densa névoa, para uma nova aurora, por entre os véus da sinuosa cortina azul, vê-se um florido tapete colorido envolvendo o vale. Margaridas, tulipas, onze-horas, girassóis, bromélias, orquídeas, árvores diversas, arbustos, o cheiro da grama e da terra, sentidos e observados pelos lindos pássaros que desenham no horizonte farto o que se espera da primavera. O vale parece ficar mais vivo e tênue. A aurora, o crepúsculo, a brisa, as nuvens, o coração enamorado, tomado, devoto, nos envolvemos, despercebidos, com cada detalhe.

A tarde é linda para a desleixada e contemplativa imaginação daquele que descansa o seu corpo sobre as envernizadas réguas de madeira do velho banco da estação. O sol toma não só o ambiente vívido da corriqueira segunda-feira, assim como ofusca, à retina, sua luz do meio-dia. Terminada a cansativa travessia meio a Cidade Colorida, entre uma reportagem e outra do já desorganizado jornal, seu velho corpo agora se acomoda a cada instante, procurando uma posição melhor, que o conforto, de maneira que possa ler as notícias do dia confortavelmente.



Veze e outra, seus olhos de outrora, procurando, entrelinhas, encontrar algo que o justifique... foge à atenção, foge às palavras, foge ao contexto; não há texto, não há jornal, não há atenção; busca a atenção, foge do desatento... o que o tira tanto a atenção?

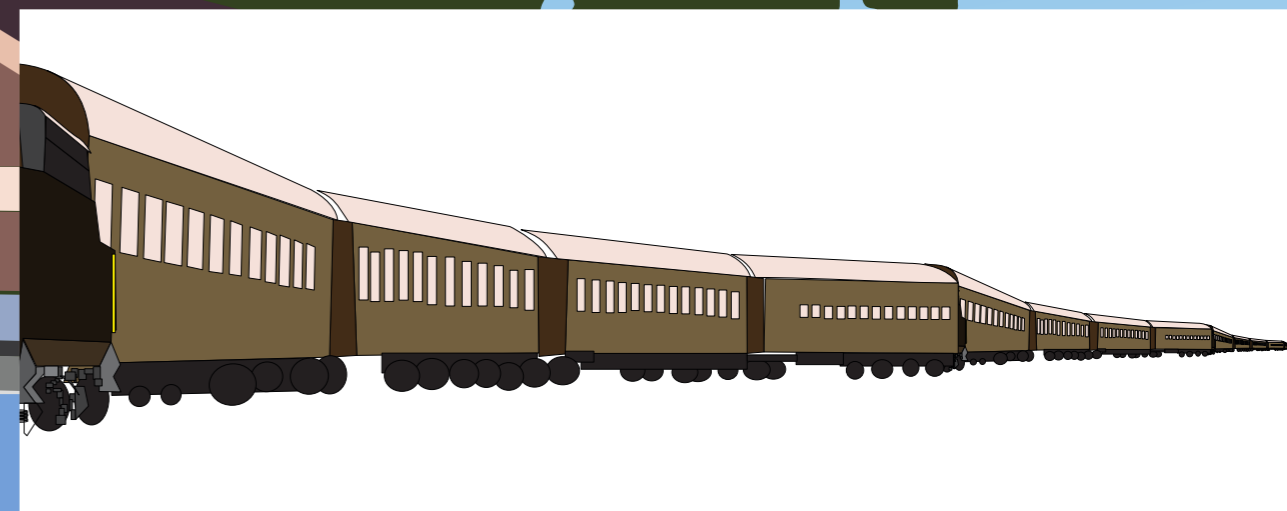
...arquitetura mágica. Cada detalhe, sobressalto, desvio, inclinação. A sua pintura, a sua história, o berço da sua infância. O jornal é deixado sobre o banco enquanto os seus olhos são rendidos ao belo desenho da estação.



A criança que ali brincava, com seus amiguinhos. Passando de bicicleta, com um pedaço de copo plástico preso ao quadro, cricrilando ao contato dos raios, em disparada, gritando na euforia, tirando a atenção do operador do telégrafo a correr atrás da criança baderneira que não respeitava a bela e terna estação de outrora. A criança que corria para a janela, deixava a sala, atravessava o jardim, por entre as mangueiras e goiabeiras do infinito quintal quando a máquina se aproximava; gritando ao léu, no estrondo do motor, envolvida pela potência do seu assobio.



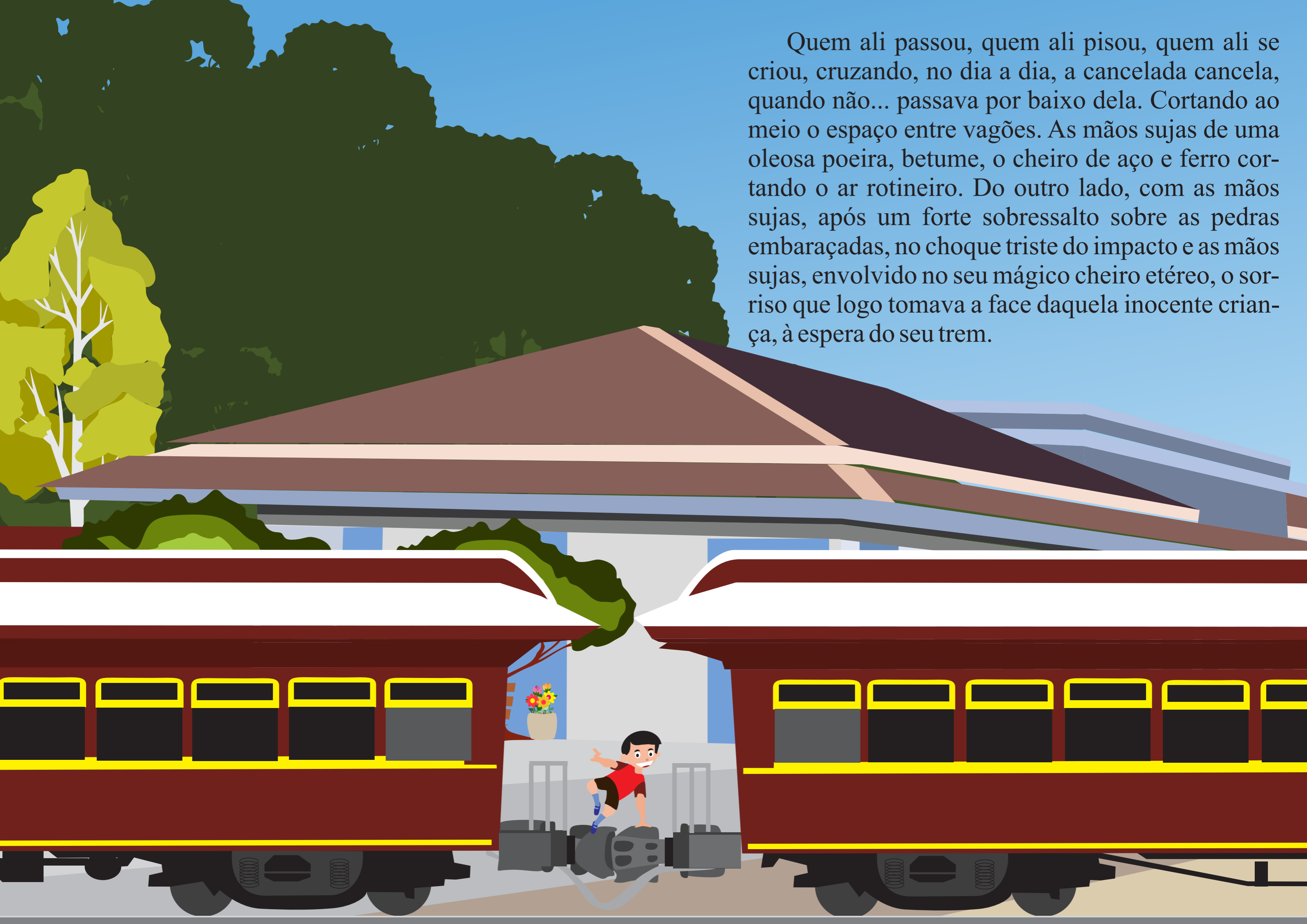
A criança que contava o número de máquinas, por fim já calculando o número de vagões; contando dormentes, pinos, uma pedra, um declive; envolvida pelas carcaças, pelos destroços, pelos esqueletos que há muito ali fora deixado de outras máquinas, de outros vagões abandonados; a distância se perdia na sua ilusória cauda, envolvida no mormaço do férreo verão, sumindo na imensidão do horizonte próximo, através da devota pintura que se formava com a miscelânea de cores da sua linda cidade; cidade de outros tempos; cidade de outrora; cidade presente; futuro óbvio. Cidade Colorida.



30 ? 90  
75 ??  
50



Quem ali passou, quem ali pisou, quem ali se criou, cruzando, no dia a dia, a cancelada cancela, quando não... passava por baixo dela. Cortando ao meio o espaço entre vagões. As mãos sujas de uma oleosa poeira, betume, o cheiro de aço e ferro cortando o ar rotineiro. Do outro lado, com as mãos sujas, após um forte sobressalto sobre as pedras embaraçadas, no choque triste do impacto e as mãos sujas, envolvido no seu mágico cheiro etéreo, o sorriso que logo tomava a face daquela inocente criança, à espera do seu trem.



De onde viera? Para onde iria? Acordando o mundo, incomodando os transeuntes, dividindo a nossa cidade ao meio. Incomodando o sono opaco, ninando as enamoradas crianças com seu estrondoso apito e a sua compassada canção sobre os trilhos, por sobre irregulares dormentes. “Leva-me, traz-me, busca-me; deixa essa criança conduzir tua máquina! O que trazes? O que levavas? Carrega essa criança para teu sonho real até o fim dos confins da terra! Deixa-a agarrar tua longa cauda betume-óleo-poeira! Viajar contigo até onde a levares. Quebra teu sonho! Teu sono! Nina tua alma! Leva teus famintos olhos por outros caminhos, destinos, horizontes. Não a deixes carente de ti! Acalenta, ao peito, essa criança carente de você. Esse homem perturbado pela insônia, que só dorme quando tu passas rente às mangueiras do seu desleixado quintal!”



Com o jornal desorganizado sobre o banco, as mãos calejadas descansadas sobre o colo, lembrava-se de quanto amava aquele apito. O estrondo do motor, o cheiro, a solidão, o silêncio... e o quanto era parte de si aquela estação.

Um diferente apito soa no ar... mas não é o trem de outrora, não é o trem que sempre por ali passa: huuuuu!!!...

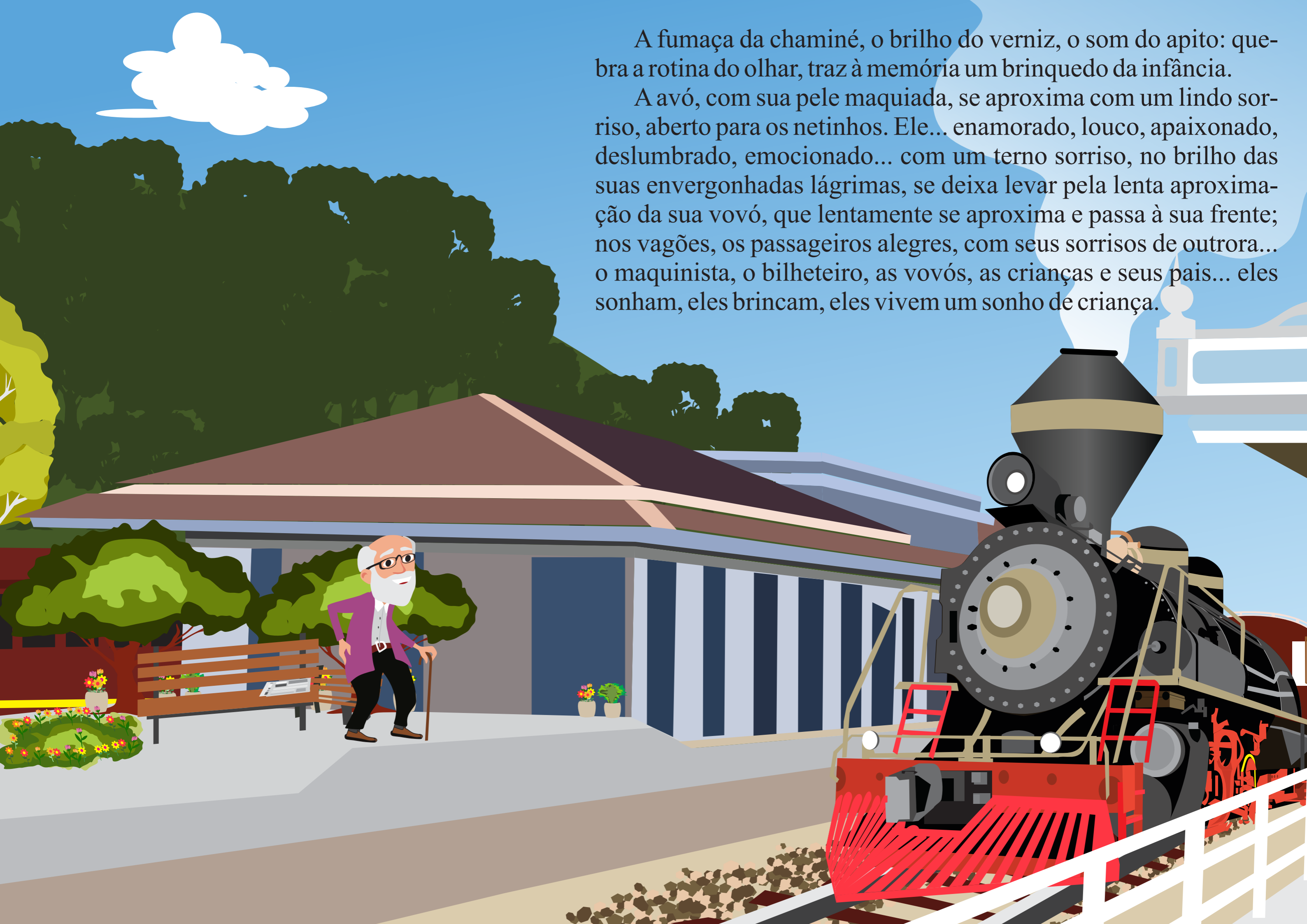


Distendendo, num sobressalto, seu velho corpo do desgarrado banco, sua enrugada face é tomada por um envolvente sorriso de criança. Ela se aproxima! Não é o filho, não é a mãe! A avó renasce no horizonte próximo. A cidade é envolvida por seu apito, tomada por um sorriso mágico de criança, livre, dentro do peito, por um sentimento novo. Num gesto revelador, tirando a atenção do trabalho, das crianças nos colégios, os pássaros deixam seus ninhos, enquanto a cidade é tomada por um feérico sorriso...



A fumaça da chaminé, o brilho do verniz, o som do apito: quebra a rotina do olhar, traz à memória um brinquedo da infância.

A avó, com sua pele maquiada, se aproxima com um lindo sorriso, aberto para os netinhos. Ele... enamorado, louco, apaixonado, deslumbrado, emocionado... com um terno sorriso, no brilho das suas envergonhadas lágrimas, se deixa levar pela lenta aproximação da sua vovó, que lentamente se aproxima e passa à sua frente; nos vagões, os passageiros alegres, com seus sorrisos de outrora... o maquinista, o bilheteiro, as vovós, as crianças e seus pais... eles sonham, eles brincam, eles vivem um sonho de criança.



Ela para, abre os velhos e  
reluzentes braços para o saudo-  
so netinho.  
Ele entra...



Enquanto, no esforço do seu pesado e cansado corpo de outrora, ela segue para além das montanhas do vale que se perde de vista no lindo horizonte da cidade, o jornal, esquecido no banco, folheia-se com a terna brisa do calor de outros dias.

**É só o início de uma nova história!**

